

A IGREJA PERFEITA

UM EBOOK PARA
QUEM QUER PENSAR
O CAMINHO





A Igreja

Perfeita

Um ebook para quem quer pensar o caminho

Rodrigo Bibo · Victor Fontana · Guilherme Nunes · Cynthia Muniz · Alcino Júnior

Três contribuições · Uma conversa

Dados de catalogação na publicação

Bibo, Rodrigo (org.)

A Igreja Perfeita : um ebook para quem quer pensar o caminho / organização de Rodrigo Bibo. — Joinville : Escola Bibotalk de Teologia, 2026.

Ebook (PDF)

Edição, revisão e diagramação: Luiz Henrique

1. Eclesiologia. 2. Teologia prática. 3. Vida cristã. 4. Comunidade de fé.

I. Título.

SUMÁRIO

I. A Igreja Perfeita

Rodrigo Bibó

II. Atividade Meio, Atividade Fim

Victor Fontana

III. Critérios, Crises e a Graça

Bibó · Victor · Guilherme · Cynthia · Alcino

A Igreja Perfeita

A igreja perfeita nasce em Pentecostes

RODRIGO BIBO

O problema da palavra "perfeita"

O tema "igreja perfeita" causa uma certa confusão em qualquer pessoa que tenha mais de dois anos de igreja. A reação é quase automática: como assim, *igreja perfeita*? Isso não existe. E há até um receio legítimo por trás dessa reação — o medo de que alguém pregue um ideal inalcançável que só vai nos fazer sentir mal, porque, no fundo, sabemos que não temos como ser perfeitos.

De fato, quando lemos a palavra "perfeito", ela causa estranheza. Mas como é que a Bíblia fala de perfeição? Jesus termina o capítulo 5 do Sermão do Monte dizendo: "Sejam perfeitos como o Pai celestial é perfeito". Paulo fala sobre perfeição em Filipenses 3, a partir do versículo 12. O problema é que a palavra "perfeição" ganhou, na nossa compreensão, a ideia de algo sem defeito, sem mácula — uma obra de arte intocável, sem rachadura, sem nada de errado. E é óbvio que não há como imaginarmos uma igreja perfeita nesse sentido, se somos um povo imperfeito. Somos pecadores que habitamos no meio de um povo pecador. É a experiência de Isaías diante de Deus: "Ai de mim! Sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios". É o choque da nossa pecaminosidade diante da santidade de Deus.

Então, sim: não somos perfeitos no sentido que atribuímos à palavra. Mas também não é isso que a Bíblia, em última análise,

quer dizer com perfeição. Perfeição, na Bíblia, não é a ausência de problemas, rachaduras e defeitos. Perfeição na Bíblia está mais para aquilo que vai encontrando o propósito para o qual foi feito. Está ligada à ideia de estar no caminho para alcançar a finalidade — de entender a finalidade. É a ideia de maturidade.

Pense numa pessoa madura. Quando dizemos "essa pessoa é madura", não estamos dizendo que ela é perfeita. Case com ela e você verá: não existem pessoas perfeitas. E se não existem pessoas perfeitas, não existe um ajuntamento de pessoas imperfeitas que vá resultar em algo perfeito. Mas a igreja precisa ter essa maturidade. Cada cristão precisa ter essa consciência: não cheguei lá ainda, mas é para lá que eu estou indo.

Faça este exercício: leia Mateus 5, 6 e 7. Ali Mateus sintetiza os ensinamentos de Jesus — e são muitas coisas que devemos observar. Uma leitura honesta de qualquer passagem da Bíblia nos dá exatamente essa sensação: não cheguei lá ainda. Não cheguei lá ainda, mas é para lá que eu devo caminhar. Eu não estou lá — e só chego lá com Jesus.

É por isso que quero pensar o tema da igreja perfeita — ou seja, da igreja madura, da igreja que tem a maturidade como objetivo e finalidade — a partir do nascimento da igreja. Abra a sua Bíblia em Atos, capítulo 2. Vamos passear por esse capítulo, porque é nele que temos o nascimento da igreja. E, a partir desse nascimento, podemos pensar o que é, biblicamente falando, uma igreja madura.

Todos nós somos pentecostais

Quando eu falo "pentecostal", qual é a primeira coisa que vem à sua cabeça? Assembleia de Deus, os pentecostais, alguém girando no manto. É interessante como algumas coisas acabam dando nome a outras. A gente fala: "vou comprar Bombril" — mas Bombril é a marca; o que você compra é palha de aço. A gente fala: "vou engrossar o molho com maisena" — mas maisena é a marca; o produto é amido de milho. "Vou tirar um xerox" — xerox é a marca; o serviço é a fotocópia. É impressionante como algumas marcas se sobressaem ao produto que representam.

E "pentecostal" virou um pouco isso. Chamamos de movimento pentecostal a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã, a Quadrangular, entre outras igrejas. Elas foram nominadas dessa maneira — inclusive, no começo, pelos seus opositores — e o nome pegou: ser pentecostal passou a significar pertencer a uma dessas denominações. Mas, em última análise, não é isso. Eu costumo dizer que **ser pentecostal é ser igreja**, porque a igreja nasce no Pentecostes — uma festa celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, na qual se apresentavam as primícias da colheita, principalmente do trigo. Agradecia-se a Deus pela colheita e pedia-se a bênção de Deus para o futuro. É muito emblemático que a igreja nasça, que o Espírito desça, justamente numa festa como essa. Esse arranjo que Deus faz, e que Lucas registra, é significativo.

O dia em que o Espírito desceu sobre todos

"Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos em um só lugar. De repente, veio do céu um som como de um vento muito forte e encheu toda a casa na qual estavam sentados. Apareceram línguas como de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do

Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito permitia que se expressassem." (Atos 2.1-4)

Percebam: algo muito emblemático está acontecendo na história da igreja. Temos um povo reunido — cento e vinte pessoas — aguardando a promessa. Eles viram Jesus subir aos céus no capítulo 1, e Jesus disse algo que para nós seria muito difícil: aguardem até que do alto vocês sejam revestidos do Espírito Santo. Eles aguardaram. E naquela festa, estando todos reunidos num só lugar, o Espírito Santo veio sobre eles.

E quando o Espírito Santo vem, ele vem sobre pessoas comuns — sobre pescadores, sobre jovens, sobre mulheres. Vem sobre todos, de forma indistinta.

Automaticamente, Pedro vai se lembrar das promessas do Antigo Testamento sobre esse dia. Porque no Antigo Testamento o Espírito Santo age meio que a conta-gotas. Ele vem sobre reis, sacerdotes, profetas, ou sobre algum indivíduo que recebe uma dinamização para uma tarefa específica. Era algo mais controlado.

Só que já no Antigo Testamento há uma expectativa de que todos sejam cheios desse Espírito. Há o anseio de Jeremias: como seria bom se a lei não fosse escrita em tábuas de pedra, mas no nosso coração. E há a profecia de Joel, capítulo 2: o Espírito será derramado sobre jovens e velhos, sobre homens e mulheres, sobre todos os povos. Para o judeu, isso era um escândalo. Deus era tratado como posse exclusiva — e agora a promessa é que o Espírito será derramado sobre todos. Isso é maravilhoso.

A sensação de ter chegado

Eu não sei vocês, mas eu odeio dirigir em outra cidade que não seja a minha. Não sou um bom motorista. Quando não tenho GPS, me guio por referências — e até chegar ao destino fico tenso, ansioso. Quando finalmente chego, vem o alívio. *Ceguei*.

Era essa a sensação que os discípulos provavelmente estavam tendo: *chegamos*. Chegou o dia em que Deus está no nosso meio, manifestando o seu poder. Aquilo que eles experimentaram com Cristo — o Deus conosco — agora seria para todos, porque Deus está no meio do seu povo por meio do seu Espírito. Os últimos tempos começaram.

Essa é a primeira característica de uma igreja perfeita: é a **igreja cheia do Espírito**, a igreja que experimentou o derramar do Espírito.

O coletivo e o individual, inseparáveis

Quando o Espírito é derramado — e é sobre a igreja que ele é derramado, pois "estavam todos reunidos no mesmo lugar" —, ele desce sobre um ajuntamento de pessoas imperfeitas, pecadoras. Mas, quando essas pessoas recebem o Espírito, algo começa a acontecer dentro delas: um renovo, um poder que vai vivificando Cristo nelas.

O texto diz que aquelas labaredas se separaram e pousaram sobre cada um. Há algo muito importante aqui: o coletivo e o individual aparecem simultaneamente, juntos, inseparáveis. O Espírito é derramado sobre todos os que estão juntos, mas há também um aspecto individual, porque ele pousa sobre cada um. Cada um de nós é dinamizado pelo Espírito para cumprir a sua finalidade.

Sabe aquela pergunta que fazemos tanto — *Senhor, qual é o teu propósito para a minha vida?* O propósito de Deus para a sua vida é que você seja cheio do Espírito Santo, pertença a uma comunidade e anuncie as boas-novas. Isso é caminhar para a perfeição: saber por que fui chamado.

Não há como ser cheio do Espírito Santo sozinho. É na comunidade que ele se derrama. É por isso que não dá para ser igreja sozinho em casa, só vendo pregação e ouvindo louvor no YouTube.

Se você foi ferido pela igreja — e eu lamento muito por isso —, em algum momento o Espírito vai te empurrar de novo para um ajuntamento de gente. Porque é sobre o corpo que repousa a presença de Deus.

Paulo deixa isso claro aos coríntios. No capítulo 3 da primeira carta, é a coletividade que é o templo de Deus. Mas, no capítulo 6, ele diz: você é templo do Espírito Santo. Individualmente, eu sou casa de Deus; mas sou casa de Deus quando, junto com meus irmãos e irmãs, somos o templo de Deus.

A pregação que aponta para Cristo e denuncia os ídolos

E então Pedro começa a pregar. Sua pregação tem algumas características muito interessantes.

A primeira: ele prega Cristo. Pedro faz o povo entender que as promessas que eles conheciam do Antigo Testamento se cumpriram naquele que eles mataram. Há uma tensão notável: era propósito de Deus que Cristo fosse crucificado — mas vocês fizeram isso. Como se resolve essa tensão? Não sei; talvez não se resolva. Mas Pedro fala do pecado daquela geração.

Uma pregação de igreja madura reconhece os ídolos do seu tempo e prega contra esses ídolos, em vez de se amoldar a eles. Reconhece onde o povo está errando e denuncia. É uma pregação que aponta para as promessas de Deus, para os cumprimentos em Cristo, para o amor de Deus — porque Deus derrama o seu Espírito sobre pessoas pecadoras a fim de transformá-las em seus arautos.

Não adianta pregarmos contra os pecados da sociedade se não amamos essa sociedade pecaminosa — porque foi exatamente isso que Deus fez conosco.

Uma igreja madura é aquela que prega, que denuncia a idolatria, mas que apresenta e age em graça. A bondade foi a grande marca da igreja primitiva — da igreja de Jerusalém e das demais igrejas do primeiro e do segundo séculos.

A igreja primitiva não era perfeita — e o nosso objetivo não é voltar

A igreja de Atos era perfeita? Não. O distanciamento histórico costuma santificar as coisas. Leia Atos. Logo no começo temos Ananias e Safira. No capítulo seguinte, há um problema com a distribuição de comida. Leia as cartas de Paulo: faziam coisas tenebrosas. A igreja primitiva não era uma igreja perfeita. Mas, sem sombra de dúvida, foi a primeira igreja a viver as palavras de Jesus. Ela não era perfeita, mas era madura; estava amadurecendo.

Então qual é o nosso objetivo? Não é voltar a ser como a igreja primitiva. É voltar para o evangelho. Voltar para Jesus. É orar: Senhor, enche-nos do teu Espírito. Restaura-nos. Porque sem Deus nada podemos fazer.

Prestem atenção nisto: as histórias da Bíblia nos inspiram, mas as igrejas que elas retratam não eram perfeitas. Cada igreja, no seu período histórico, precisa entender como Cristo deve ser pregado. Não temos que voltar à Reforma Protestante, nem à Rua Azusa, nem ao avivamento do País de Gales. Temos que voltar às palavras de Jesus e entender como essas palavras devem ser pregadas nos nossos dias.

E aqui eu queria que você entendesse uma coisa: você é a igreja. Não sozinho — conecte sempre com o que eu disse antes. Você, como parte da igreja, é a igreja — e está num campo missionário em que ninguém mais está. Você precisa, como cristão em processo de amadurecimento, entender como Cristo é pregado nesse contexto onde você está.

"Irmãos, que faremos?"

É muito significativo o que acontece quando Pedro termina de pregar:

"Quando ouviram isso, ficaram profundamente aflitos e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: 'Irmãos, que faremos?'"

Ficamos sem chão. Estamos errados. Estamos em pecado. O que fazemos? A igreja que prega Cristo para o seu tempo pode receber — e seria muito bom que recebesse — essa pergunta. Porque a igreja tem uma resposta para essa pergunta.

E Pedro respondeu: *"Arrependam-se"*. Quando estou diante do derramamento do Espírito, eu reconheço o meu pecado. E o Espírito me diz: arrependa-se. Só há possibilidade de arrependimento porque há um Deus que perdoa. Deus sabe o que fazer com o seu pecado.

Você quer outro caminho? Tem. Arrependa-se. Sempre há um novo caminho.

Por que a igreja precisa do Espírito

Sem a presença do Espírito Santo, os melhores argumentos do mundo não resolvem um coração endurecido pelo pecado.

Bons argumentos são um pré-evangelismo, como dizia Schaeffer. Mas, se bons argumentos convertessem, os grandes debates apologeticos produziriam multidões de conversões. Não produzem. Por isso, preciso de bons argumentos banhados pelo Espírito. E atenção: se for só Espírito sem bons argumentos, também pode dar ruim. É preciso ter o Espírito Santo banhando o discurso. É ele que constrange, é ele que nos convence do pecado, da justiça e do juízo.

Batizados num corpo, habitados pelo novo

Segundo movimento: *"Arrependam-se, cada um de vocês"*. O negócio é individual — mas só faz sentido no coletivo. Há perdão de pecados quando vocês passam a pertencer à família de Deus.

Porque a igreja é uma extensão de Jesus. Quando Jesus aparece a Paulo, ele pergunta: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" E quem Paulo estava perseguindo? A igreja. A igreja age em nome de Jesus — porque o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos é o Espírito derramado sobre nós.

A partir do momento em que somos imersos no Espírito, algo novo começa a surgir dentro de nós. Já não são mais o mundo e a nossa cultura que determinam os nossos rumos. É essa nova criação que começa a brotar dentro de nós. O Sermão do Monte é

impossível de cumprirmos por nós mesmos. Mas, com o Espírito Santo, as coisas são possíveis.

A promessa é para todos — e o Espírito nunca para de ser derramado

Pedro continua: sejam batizados, pertençam ao corpo — e vocês receberão o dom do Espírito. Por quê? Porque a promessa de Deus é para todos: para vocês, para os seus filhos. O Espírito nunca parará de ser derramado. Que promessa maravilhosa!

Precisamos estar abertos a essas coisas maravilhosas que Deus faz no meio do seu povo. E todos nós que estamos em Cristo recebemos o dom do Espírito. Esse Espírito que está sobre mim está sobre você, e ele te capacita para fazer a obra de Deus.

O dínamo

Eu tinha um tio que tinha uma bicicleta com uma lâmpada que acendia conforme a gente pedalava. Aquilo funcionava com um dínamo: o esforço de pedalar gerava energia, e a energia acendia a luz.

O dínamo é algo parecido com a nossa relação com o Espírito Santo. O dom é dado a nós; o Espírito está em você. Quando você começa a pedalar com Deus — quando você entende: estou nessa nova vida, preciso me arrepender, me santificar —, quando você pedala, a energia é gerada. O meu tio pedalava para fazer luz para a bicicleta; nós pedalamos com o Espírito para sermos luz do mundo e sal da terra. Dínamo. Poder.

Uma igreja para todos — e o santo desconforto

"Vocês receberão o dom do Espírito Santo, pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar." A promessa é para todos. Babel foi quebrada — e é para todos.

Uma igreja cheia do Espírito será uma igreja para todos. Ela não se fecha. Em Atos 1.8 eles recebem o poder e a missão, mas ficam acomodados em Jerusalém; em Atos 8.1 vem uma perseguição, eles se espalham — e o evangelho vai se espalhando com eles.

Um palmeirense e um corintiano lado a lado na mesa do Senhor: só o Espírito faz isso. Por isso não temos escolha, se estamos no corpo de Cristo: é para todos. O Espírito Santo faz isso com a gente direto: ei, está acomodado. Ei, levanta. Ei, olha ali.

Deus usa o outro para falar com a gente

Muita gente quer ter uma chamada de vídeo com Deus — é só eu e Deus. Pode até ser que Deus te atenda; ele é Deus. Mas, normalmente, sabe como Deus faz? Deus usa o outro para falar com a gente.

E é isso que é maravilhoso numa igreja cheia do Espírito Santo. Não importa o título que a pessoa tenha — pastor, pastora, apóstolo, bispo. Não são os títulos. O Zé, que é torneiro mecânico, e a Maria, que faz salgadinho, podem chegar para qualquer um e dizer: aqui você está fora da Palavra. Na Bíblia é uns aos outros: "aconselhai-vos uns aos outros". O Espírito Santo desce sobre todos.

Só que, quando apontamos o pecado, nós abraçamos e acolhemos. A gente acolhe, a gente abraça, a gente discipula. É isso que uma igreja madura faz.

E Pedro termina: *"Salvem-se dessa geração perversa."* Vocês podem ser salvos desta geração perversa se se arrependerem, forem batizados e receberem o dom do Espírito.

A receita: como manter a chama acesa

"Bibo, fui cheio do Espírito, fui batizado, me arrependi, estou na igreja. Como faço para manter isso? Como mantenho a chama acesa?"

Versículo 42. Esse caminho serviu para a igreja em Jerusalém, serviu para a igreja em Corinto, serviu para todas as igrejas — e serve hoje.

"E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações." (Atos 2.42)

Qual é o caminho? Dedicar-se de coração ao ensino dos apóstolos. Não é inventar pregação. É dedicar-se de coração ao que Deus tem falado por gerações e gerações. A tradição da igreja é importante: o cristianismo tem dois mil anos de história antes de nós.

Gosto da tradução que diz que eles "se dedicavam de coração" ao ensino dos apóstolos. Há uma dedicação. E aqui eu volto ao exemplo da bicicleta: às vezes não estou a fim de pedalar — mas pedala, que vem energia.

E aqui, mulheres, prestem atenção: precisamos de mais mulheres mestras na Palavra, mais mulheres cheias de conhecimento bíblico e teológico. O Espírito desce sobre homens e mulheres para serem mestres, pastores, apóstolos, evangelistas, profetas. Mulheres, façam essa oração.

Perseverem de coração na doutrina dos apóstolos. E depois vêm a oração, o partir do pão, a comunhão. Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja que prega a Cristo, e este crucificado — o Cristo que denuncia o pecado e que oferece o novo caminho.

Que Deus nos ajude, para a glória do seu nome.

Atividade Meio,

Atividade Fim

Como confundimos meios com fins e estragamos igrejas perfeitas

VICTOR FONTANA

Não é a falta de recursos que arruína uma comunidade. É a confusão sobre para que os recursos existem.

— Nota do autor

É perfeitamente possível estar numa igreja perfeita e a música não ser boa. A afirmação pode soar estranha à primeira leitura, mas sustenta-se. É possível que a igreja perfeita tenha um pregador mediano. Que os pequenos grupos comecem depois do horário previsto. É possível que o departamento infantil não se chame *kids*, não tenha escorregador. É possível que essa igreja não seja a *church* do momento, nem a comunidade do grande teólogo.

Tudo isso é plenamente possível — e a afirmação não nos liberta de nada. Ela nos constrange. Porque o que se segue é a parte que dói: é muito provável que igrejas que buscam desesperadamente qualquer uma dessas coisas estejam destruindo as suas chances de serem uma igreja perfeita.

Nós estragamos igrejas perfeitas porque confundimos atividade meio com atividade fim. A primeira pessoa do plural não é retórica. Todo profeta verdadeiro se vê como parte do problema. Eu sou um deles.

O que Jesus disse que importa

No sermão mais famoso de todos os tempos — Mateus 5, versículos 3 a 10 —, Jesus descreve a textura de uma comunidade marcada por algo que nenhum equipamento de som consegue produzir. São pessoas pobres de espírito. São pessoas que choram e que sabem consolar, que têm fome e sede de justiça, que são misericordiosas. São pacificadoras — gente que, no meio da discórdia, tem o ímpeto quase miraculoso de trazer paz.

Imagine uma comunidade assim. Ela realmente precisa de uma *setlist* impecável? Paulo, em Gálatas 5.22, aponta o mesmo horizonte: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Uma comunidade marcada por essas qualidades carrega uma grandeza diante da qual a habilidade retórica empalidece.

A distinção é simples, porém radical: um bom departamento infantil pode ser *meio* para que uma comunidade forme pessoas assim. Mas quando esses meios assumem o lugar dos fins, algo de fundamental se inverte.

A questão não é técnica. É de crença. Será que acreditamos mesmo no que Jesus e Paulo disseram? Porque a impressão que emerge da paisagem evangélica brasileira é a de uma ortodoxia professada no discurso e abandonada na prática.

O perigo da espiritualidade eventual

Há uma armadilha específica que acompanha quem frequenta conferências, consome podcasts de teologia e acumula livros com avidez. É uma armadilha sutil precisamente porque se disfarça de formação.

O aluno de seminário que descobre que o hebraico é difícil muitas vezes entra num modo conhecido: *você finge que me ensina, eu finjo que aprendo, a gente finge que faz uma prova. E você finge que me aprova, porque sabe que no dia a dia do ministério eu não vou usar esse negócio mesmo.* O conhecimento vira etapa de carreira, credencial a ser obtida, não alimento a ser digerido.

O mesmo pode acontecer com cada conferência, cada podcast, cada evento de formação teológica. Se o que se recebe ali for tratado como experiência espiritual autossuficiente, vale a sentença: *eventos espirituais geram espiritualidade eventual, apenas por e assim passa.*

O antídoto não é estudar menos. É internalizar de outro modo. Quando o texto bíblico é internalizado, ele não precisa ser lembrado para agir — age como age a respiração. Leia o texto bíblico até decorar. Aprenda a teologia até que ela se torne segundo idioma.

O sinal de que isso ainda não aconteceu é a fascinação pelas atividades meio. A pessoa que ainda não internalizou as atividades fim tende a se impressionar com as coisas erradas: frases de efeito, músicas bem executadas, pregações eloquentes, estruturas sofisticadas. Não porque essas coisas sejam ruins — algumas são muito boas —, mas porque se tornaram o critério, o horizonte, o fim.

O episódio mais veterotestamentário do Novo Testamento

Há um relato nos Atos dos Apóstolos que desconcerta leitores desde o primeiro século. Ananias e Safira vendem uma propriedade, ficam com parte do dinheiro para si e entregam o restante aos apóstolos —

apresentando a quantia parcial como se fosse o valor total. A consequência é imediata: ambos morrem.

O texto incomoda precisamente porque parece desproporcional. Para entender o que Lucas narra em Atos 5, é necessário percorrer os ecos e alusões ao Antigo Testamento. O episódio não é isolado: é uma reedição de duplas anteriores.

O primeiro eco remete a Nadabe e Abiú, filhos de Arão, em Levítico 10. Em Levítico 9, um fogo consumidor sai de dentro da tenda e consome o holocausto diante de todo o povo: Deus descendo ao encontro do povo. E é exatamente nesse contexto que Nadabe e Abiú entram na tenda. O que eles fazem não é um erro litúrgico por descuido — é uma tentativa de monopolizar aquilo que Deus havia aberto para todos. **Estão privatizando o sagrado.**

O segundo eco vem de Ofni e Fineias, filhos do sacerdote Eli, que corrompem o templo usando a posição sacerdotal para satisfazer apetites próprios. Lucas já havia sido crítico de outra dupla dinâmica: Anás e Caifás. Quando chegamos a Ananias e Safira em Atos, eles ecoam todas essas duplas. O que está em jogo não é uma questão financeira. É uma questão litúrgica.

Quando cuidar do próximo é ato de adoração

O que torna o gesto de Ananias e Safira tão grave não é a retenção de parte do dinheiro. O que os condena é a mentira dentro de um ato litúrgico.

Atos 4.32 descreve uma comunidade em que todos os que creram estavam unidos em coração e mente. Nesse contexto, vender bens e distribuir entre os necessários não é ação social isolada — é expressão de adoração. Barnabé era da tribo de Levi: toda essa

redistribuição está acontecendo dentro de um ato sacerdotal. Cuidar de quem precisa é atividade fim.

Ananias e Safira entram nesse contexto e o corrompem: usam a aparência de generosidade para construir reputação — privatizando aquilo que deveria ser entregue.

E Deus diz: aqui não.

— Atos 5

Parou mesmo?

Há uma pergunta que inevitavelmente surge diante do relato: por que Deus não age assim hoje? Mas a pergunta deveria ser outra: **parou mesmo?**

Os escândalos que têm marcado o evangelicalismo brasileiro revelam uma estrutura de pecado que não é tão diferente da de Ananias e Safira. Pastores que vendem ungimentos, líderes que acumulam poder e patrimônio às custas das comunidades que deveriam servir — todos eles estão privatizando o que Deus quer oferecer a todos.

Quando uma comunidade idolatra as atividades meio, esse é o primeiro passo em direção a um coração vazio. E Deus reprova o coração vazio — o coração que perdeu de vista por que tudo aquilo existe.

A melhor parte

No capítulo 10 do Evangelho de Lucas, Jesus conta a história de um samaritano — povo de doutrina confusa, de práticas questionáveis. Mas o que foi o bom samaritano, senão alguém pobre de espírito,

humilde, misericordioso, pacificador? A teologia era um desastre. A prática era exatamente o que Jesus dizia que importava.

Lucas conduz o leitor até uma casa em Betânia. Nessa casa há Marta, preocupada com as atividades meio. E há Maria, sentada aos pés de Jesus, simplesmente ouvindo.

Jesus não repreende Marta por se importar com a organização. Ele a chama pelo nome — duas vezes, com ternura — e aponta para o que estava sendo perdido: *a melhor parte*. A parte que não seria tirada.

Eis a imagem da comunidade perfeita: uma casa com problemas, sem a logística perfeita — mas com Jesus falando e pessoas sentadas para ouvir. E Jesus disse que aquilo era, na verdade, a melhor parte.

O que se perde quando se confunde

A tese deste capítulo não é contra a música, nem contra a estrutura, nem contra a excelência. É contra a confusão. Quando os meios assumem o lugar dos fins, todo o aparato eclesial pode funcionar com perfeição técnica enquanto o coração vai esvaziando.

A formação teológica é preciosa. Mas ela precisa ser guardada como quem guarda algo querido junto ao coração, não como etapa a ser cumprida numa carreira ministerial. O objetivo não é saber teologia. É que a teologia se torne tão incorporada que ela aparecerá no modo como se age, consola, perdoa, serve e faz paz.

Isso é a melhor parte. E faz dois mil anos que tentamos estragar esse negócio — e não conseguimos. Talvez seja hora de parar de tentar.

Critérios, Crises

e a Graça

Uma conversa sobre o que faz — e o que desfaz — uma comunidade real

BIBO · VICTOR · GUILHERME · CYNTHIA · ALCINO

A existência do problema não esvazia o ser-igreja de uma comunidade — a não ser que ela receba o alerta e não trate o problema.

— Alcino Júnior

Todo mundo já ouviu a piada. Alguém diz que está procurando uma *igreja perfeita*, e a resposta clássica é mais ou menos assim: quando você encontrar, não entre, porque aí vai estragar. A piada é velha. E o problema que ela aponta é real.

Há uma pergunta que antecede todas as outras: onde a gente tem perdido identidade? A resposta é desoladoramente simples. Não é nas grandes batalhas doutrinárias. É no mais basal. A gente se perde em discussões menores e esquece a coisa mais fundamental de todas — o que significa ser povo de Deus.

Pedro escreve a sua primeira carta para uma comunidade que está passando por dificuldades. Não é uma carta sobre uma igreja triunfante. É uma carta para gente que está tentando ser fiel num mundo que não é amigável. E a principal tarefa de Pedro nesse contexto é lembrar o povo de quem eles são. Há uma identidade em jogo.

Há também uma dimensão coletiva que o mundo individualizado nos roubou. A gente tende a enxergar a fé como

uma história entre eu e Deus. Mas a Bíblia é quase inteiramente a história de um povo, de uma família. E quando a gente perde essa dimensão do todo, perde uma parte essencial do que é ser igreja.

Igreja perfeita é a que lida com seus problemas. Essa afirmação parece simples. Mas ela tem dentes.

A Primeira Carta de João enfrenta uma comunidade lidando com três crises ao mesmo tempo: crise de conteúdo, crise de conduta e crise de comunidade. A diferença está na resposta. A solução que João propõe começa pela confissão dos pecados. O pecado não é varrido para debaixo do tapete — ele é confessado, e a comunhão da graça restaura o pecador.

Mas confessar para quem? Bonhoeffer perguntava: a quem devemos confessar? A resposta dele é: a qualquer irmão — desde que esse irmão tenha tido a experiência da cruz. A confissão exige comunidade. Não dá para terceirizar para um estranho, nem para uma plataforma.

Há ainda uma segunda camada: alguns pecados precisam ir além da confissão fraternal e chegar até a liderança. A confissão verdadeira abraça as consequências. A confissão que evita as consequências não é confissão — é fuga.

Tem uma distinção que raramente aparece com clareza: há uma diferença enorme entre alguém que *ensina* heresia e alguém que está *aprendendo* e ainda não tem a teologia bem fundamentada.

O Novo Testamento é duro com quem ocupa posição de ensino e propaga erro. Mas o mesmo Novo Testamento mostra Jesus convivendo com discípulos que entendiam muito mal o que estava

acontecendo. Ele não os descartou. Foi paciente. Foi pedagógico. Tratar um aprendiz como herético é um erro pastoralmente grave. E tratar um herético que ensina como se fosse apenas um aprendiz é um erro igualmente grave.

Pense também nos três eixos que compõem a excelência em qualquer atividade ministerial: o *belo* — a qualidade estética e técnica; o *bom* — a dimensão ética; e o *verdadeiro* — a integridade entre o que se prega e o que se vive. Quando algum deles some, alguma coisa está errada.

O critério de Jesus é diferente do meu. Isso é algo que eu preciso ouvir com regularidade.

As sete igrejas do livro do Apocalipse são um espelho incômodo. Jesus escreve cartas para sete comunidades. Tirando Esmirna e Filadélfia, todas as outras têm problemas graves. E ainda assim — Jesus está no meio das sete. Não desistiu de nenhuma.

O refrão de todas as cartas é o mesmo: "*Eu conheço as tuas obras.*" Jesus não está ignorando o erro. Ele nomeia o problema com clareza. Mas a existência do problema não o faz abandonar as comunidades. Ele dá o alerta. Convida ao arrependimento.

A única que recebe só crítica é Laodiceia — a mais rica. O problema de Laodiceia era mornidão. Era a ilusão de que a prosperidade e a autossuficiência substituem a dependência de Deus. Muitas vezes a gente já se vê no direito de decretar que aquilo não é uma igreja de verdade. Só que o meu critério é mais rígido do que o de Jesus. E o dono da igreja é Jesus, não eu.

Crescimento não é saúde. Essa é uma das frases mais difíceis de engolir num evangelicalismo que aprendeu a medir sucesso em número de cadeiras preenchidas.

Salomão construiu um templo relativamente pequeno. Ele foi destruído, reconstruído de forma humilde, e depois ampliado grandiosamente por Herodes. No Novo Testamento, o templo está no seu momento de maior esplendor físico — e é exatamente esse templo que está sob o comando de Anás e Caifás. A lógica de que "a igreja que dá certo é o templo que cresce" não tem respaldo bíblico. As aparências externas de êxito não substituem a fidelidade a Cristo.

Há uma tensão que qualquer cristão honesto conhece: há momentos em que a consciência acusa. Ela diz: *você não é salvo*. E a resposta que João dá a essa tensão é a que mais me surpreende.

João diz que Deus é maior do que a sua consciência. João resolve isso dizendo que o *perfeito amor lança fora todo temor*. E a chave está na palavra "perfeito" — que aqui não é adjetivo moral, mas *télico*: amor que alcançou o seu alvo.

E qual é o alvo do amor? É inequívoco: amar o próximo. Amar o irmão. O medo de não ser salvo é lançado fora quando o amor encontra o seu alvo. Não é uma segurança que vem de dentro para dentro — é uma segurança que se manifesta no amor concreto ao outro.

Em vez de procurar nas suas emoções se você é salvo, procure o quanto você ama o seu irmão. É aí que você vai encontrar a resposta.

A igreja foi construindo, ao longo da história, círculos sobre o que é essencial e o que não é. Um cristão precisa saber que Jesus é Deus. Não precisa necessariamente conseguir explicar a união hipostática. Mas aprender a união hipostática faz algo importante: você nunca mais vai negar que Jesus é ao mesmo tempo completamente humano e completamente Deus.

John Piper, na sua igreja, organiza esses círculos em níveis diferentes de exigência. Há certas posições que os pastores são obrigados a ter definidas entre si. Os membros da igreja não são obrigados a se posicionar sobre isso — porque não é disso que depende a fé deles. A ideia é proteger a comunidade sem asfixiar o membro simples.

O problema é quando se exige de um membro que subscreva uma confissão de fé complexa só para ser parte da comunidade. Isso não é rigor — é exclusão.

A igreja nunca usou doutrina primeiramente para articular filosoficamente. Usou para **confessar em adoração**. A confissão era real. A doutrina servia à doxologia. E é aí que ela tem que continuar servindo.

Então o que é uma igreja perfeita?

Não é a que tem o melhor pregador. Não é a que tem o louvor mais emocionante, o ministério de crianças mais estruturado ou a liturgia mais impecável. Não é a que cresce mais rápido, nem a que tem a teologia mais bem articulada.

É a que sabe quem é. É a que enfrenta seus problemas em vez de varrê-los para debaixo do tapete. É a que tem irmãos que conheceram a cruz e estão aptos a ouvir confissões sem destruir nem

absolver barato. É a que não confunde atividade meio com atividade fim. É a que distingue o herético que ensina do aprendiz que ainda está crescendo. É a que adota o critério de Jesus — e não o próprio orgulho teológico — para avaliar outras comunidades. É a que não confunde crescimento com saúde. É a que usa a doutrina para confessar e adorar, não para excluir ou exhibir. É a que entende que a certeza da salvação não vem da introspecção, mas do amor concreto ao irmão.

Uma igreja assim não é perfeita no sentido de imaculada. É perfeita no sentido *télico*: está caminhando em direção ao seu alvo. E esse alvo, como João lembra, é o amor.

NOTA SOBRE ESTE MATERIAL

Este ebook reúne três contribuições produzidas a partir de palestras e de uma conversa gravada. Os dois primeiros capítulos têm origem nas palestras de Rodrigo Bibo e Victor Fontana sobre o tema Igreja Perfeita. O terceiro capítulo nasce de uma conversa gravada durante o BTDay — um encontro presencial da comunidade Bibotalk —, em que Bibo, Victor, Guilherme Nunes, Cynthia Muniz e Alcino Júnior sentaram juntos para pensar em voz alta sobre o que de fato faz e desfaz uma comunidade. Os textos foram trabalhados a partir dessas falas e transformados em prosa, mantendo o argumento e o tom de cada um.

A Igreja Perfeita · Escola Bibotalk de Teologia
Três vozes · Uma conversa · Um povo no caminho